

ENTRE OPOSTOS E COMPLEMENTARIDADES: Autoconhecimento Pelos Tipos Psicológicos de Jung

BETWEEN OPPOSITES AND COMPLEMENTARITIES: Self-Knowledge Trough Jung's Phisicological Types

Edson Oliveira Souza da Silva¹

Yasmim Garcês de Araújo²

Daniele Almeida Santos³

RESUMO

Este estudo investiga, sob a ótica da Psicologia Analítica, como os Tipos Psicológicos de Jung (1991) podem colaborar para o processo de individuação sendo instrumento de suporte dentro da Psicologia Clínica, Educacional e Institucional. Para tal investigação realizou-se um breve estudo histórico da Psicologia Analítica e os desdobramentos do processo de individuação em diferentes esferas. Diante de problemáticas psíquicas contemporâneas como ansiedade e massificação (2017), o estudo se torna relevante como ferramenta de suporte ao profissional atuante para, a partir da identificação das Atitudes e Funções do indivíduo, colaborar com a integração entre conteúdos conscientes e inconscientes e favorecer o processo de individuação em diferentes instâncias. A discussão revelou a tipologia junguiana como peça importante para a integração de opostos, favorecimento do processo de aprendizagem conforme as diferenças individuais, redução da patologização das diferenças, elaboração do sofrimento psíquico e desenvolvimento das potencialidades no contexto institucional. A metodologia utilizada para o estudo foi de caráter qualitativo e cunho bibliográfico, ressaltando a obra *Tipos Psicológicos* (Jung, 1991) como principal referencial teórico.

Palavras-chave: psicologia analítica; individuação; tipos psicológicos; atitudes; funções.

ABSTRACT

This study investigates, from the perspective of Analytical Psychology, how Jung's Psychological Types (1991) can contribute to the individuation process and provide support within Clinical, Educational, and Institutional Psychology. For this investigation, a brief diachronic study of Analytical Psychology and the developments of the individuation process in different spheres was conducted. Given contemporary psychic issues such as anxiety and massification, the study proves relevant as a

¹ Acadêmico do 10º Período do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Mais. E-mail: edsonoliveirasouza@aluno.facmais.edu.br

² Acadêmica do 10º Período do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Mais. E-mail: yasmimgarces@aluno.facmais.edu.br

³ Professora-Orientada. Especialista e Docente do Centro Universitário Mais. E-mail: danielealmeida@facmais.edu.br

support tool for the practicing professional, aiming to collaborate with the integration of the Ego and Self and to boost the individuation process in different instances based on the identification of the individual's Attitudes and Functions. The discussion revealed Jungian typology as a key element for the integration of opposites, prevention of school failure, avoidance of the pathologization of differences, prevention of psychic disorders, and improvement of institutional performance. The methodology used for the study was qualitative and bibliographic in nature, highlighting the work *Psychological Types* (JUNG, 1991) as the main theoretical framework.

Keywords: Analytical psychology; individuation; psychological types; attitudes; functions.

1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um dos principais teóricos da Psicologia. Nascido na Suíça, dedicou-se ao estudo da mente humana, buscando compreender os aspectos conscientes e inconscientes que influenciam o comportamento e a formação da personalidade. Durante sua trajetória profissional, Jung trabalhou no hospital psiquiátrico Burghölzli, onde realizou experimentos de associação de palavras que contribuíram para a formulação do conceito de complexos psíquicos. A partir de sua colaboração e posterior ruptura com Sigmund Freud (1856-1939), desenvolveu a Psicologia Analítica, uma abordagem que apresenta os construtos teóricos dos Arquétipos (Persona, *Self*, Sombra, Ânima e Ânimus) e do Inconsciente Coletivo, além do simbolismo, valorizados como elementos centrais na constituição da psique. Em obras como *Memórias, Sonhos e Reflexões* (1961) e *Tipos Psicológicos* (1991), Jung apresentou conceitos fundamentais para a compreensão do funcionamento mental, como os arquétipos do “*self*” e da “sombra” e o “processo de individuação”.

Entre suas principais contribuições teóricas destaca-se o estudo dos tipos psicológicos, elaborado com o propósito de compreender as diferentes formas pelas quais os indivíduos percebem, sentem, pensam e se relacionam com o mundo. Essa teoria propõe a existência de duas atitudes psíquicas, introversão e extroversão, e quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição (Jung, 2019). Vale ressaltar que a combinação entre essas atitudes e funções origina diferentes tipos de personalidade, que expressam modos singulares de perceber a realidade.

Conforme afirma Jung (2019, p. 71): “cada pessoa se orienta predominantemente por uma dessas funções”, o que explica a diversidade de formas de vivenciar o mundo. Essa tipologia não tem como propósito estabelecer um caráter classificatório, mas busca favorecer o autoconhecimento, possibilitando ao sujeito identificar suas funções predominantes e integrar aspectos inconscientes, promovendo maior equilíbrio emocional e consciência de si.

O presente estudo tem como objetivo investigar de que maneira a compreensão dos tipos psicológicos, sob a perspectiva junguiana, contribui para o processo de individuação e para a construção do autoconhecimento. Considera-se que, por meio da integração da sombra e do reconhecimento das funções psíquicas, o indivíduo é capaz de desenvolver uma identidade mais autêntica e harmônica. Jung (2019, p. 45) descreve esse processo como “o caminho pelo qual um ser humano se torna aquilo que sempre foi destinado a ser”. Essa discussão mostra-se

relevante diante do contexto contemporâneo, marcado por sentimentos de ansiedade, fragmentação e distanciamento interpessoal. Nesse cenário, o autoconhecimento torna-se um instrumento fundamental para o fortalecimento emocional e para a promoção da saúde mental.

Do ponto de vista científico e profissional, a compreensão dos tipos psicológicos oferece subsídios valiosos para a formação e a atuação de psicólogos, uma vez que amplia a capacidade de compreensão sobre as diferenças individuais e favorece práticas clínicas mais empáticas e eficazes. A teoria junguiana continua sendo uma ferramenta significativa nas áreas clínica, educacional e institucional por proporcionar uma leitura mais profunda dos processos de personalidade e das relações humanas.

Segundo Barruzzi (2023, p. 2), “o processo de individuação é uma jornada contínua de reconhecimento e integração de si mesmo, que permite ao sujeito tornar-se inteiro”. Assim, o estudo dos tipos psicológicos contribui não apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também para o aprimoramento das competências profissionais no campo da Psicologia.

Desse modo, este trabalho está fundamentado nas obras de Carl Gustav Jung, nos estudos de pós-junguianos como Marie-Louise Von Franz, bem como em artigos científicos contemporâneos que discutem o desenvolvimento da personalidade e a integração dos conteúdos inconscientes. Von Franz (2008, p. 29) escreveu: “a individuação consiste na autorrealização do indivíduo, com tal integração do inconsciente no consciente, assim como partes conscientes da personalidade se tornando integradas em um organismo unificado”. O objetivo é sistematizar pontos essenciais da Psicologia Analítica e discutir essa relevância teórica e prática, utilizando abordagens qualitativas e bibliográficas. Assim, pretende-se mostrar como a percepção dos tipos psicológicos pode ser um caminho de individuação, integração da sombra e expansão da consciência, uma estratégia para o equilíbrio psíquico, desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo.

2 PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para que o desenvolvimento deste trabalho seja compreendido com clareza, é essencial abordar o contexto histórico e a base da Psicologia Analítica. Reconhecemos que a profundidade dessa abordagem exigiria um estudo muito mais aprofundado de sua complexidade. No entanto, apresentaremos aqui uma síntese teórica necessária para fundamentar o estudo dos Tipos Psicológicos, que constituem o objeto central desta análise.

2.1 Breve histórico da Psicologia Analítica

O principal referencial teórico da abordagem se trata do renomado Carl Gustav Jung, que nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, em uma pequena aldeia suíça de Turgovia. Em sua obra, Silveira (1981) conta que o ilustre precursor da Psicologia Analítica era filho de um pastor protestante e tinha apenas 4 anos quando o seu pai foi transferido para trabalhar em Klein Huningen, próximo à Basileia, onde Jung permaneceria e daria seguimento aos seus estudos mais importantes, inclusive na Medicina.

Médico formado já aos 25 anos no ano de 1900, trabalhou no hospital de Burgholzli, em Zurique, como psiquiatra, onde seria o segundo assistente ao lado de Eugen Bleuler, seu orientador inicial no campo científico. Em sua brilhante carreira

como pesquisador durante o pós-doutorado, iniciou suas primeiras contribuições para a Psicologia a partir dos estudos de associação de palavras para a investigação da estrutura psicológica da esquizofrenia. Esse estudo despontaria posteriormente em um importante método de estudo do inconsciente e ainda na descoberta dos “complexos” afetivos. O psiquiatra estruturaria o conceito de complexo, juntamente à técnica para detectá-lo. Tal feito resultaria na primeira contribuição de Jung à Psicologia moderna.

Já no ano de 1906, Silveira (1981) comenta sobre a publicação dos estudos sobre associações: a Psicologia da demência precoce e, em 1907, o estudo sobre o conteúdo das psicoses, que tinha por objetivo apontar que todos os sintomas da psicose encerram significações, descrevem as frustrações, desejos e esperanças dos doentes.

O ano de 1907 não seria marcado apenas por esses relevantes estudos, senão também pelo início de uma associação importante em uma visita a Viena. Através de uma profunda conversa com Freud durante 13 horas seguidas, formou-se uma importante aliança na sua história. Nesse momento, Silveira (1981) reitera a admiração e vínculo mútuo entre ambos, suficiente para que Freud enxergasse em Jung um grande potencial para o seguimento e difusão dos estudos da Psicanálise elaborados por ele. Jung enxergava em Freud um mentor para aprofundar seu conhecimento sobre o inconsciente em pessoas com transtornos mentais. Freud havia chamado a atenção de Jung por causa da publicação de sua obra significativa *A interpretação dos sonhos* (1899/1900), trabalho que investiga a relação do inconsciente com a produção de imagens advindas dos sonhos.

O estreito relacionamento foi estabelecido entre os anos de 1907 até 1912, ao ponto de, em uma importante conferência, Freud utilizar de sua grande influência para indicar Jung a presidir a então fundada Associação Psicanalítica Internacional no ano de 1910. Porém, após a publicação de Jung do estudo *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, no ano de 1912, ocorreria o início de um embate de divergências doutrinárias importantes, que culminaria no rompimento e afastamento entre ambos.

Segundo Fortes (s/d.), a parceria entre Jung e Freud foi de suma importância para a construção dos fundamentos da Psicologia Analítica e Psicanálise, mesmo que, posteriormente, essa aliança tenha sido rompida, já que ambas as abordagens carregam entre si pontos fundamentais convergentes relevantes para a Psicologia e Psicanálise, principalmente quando se trata do inconsciente e práticas clínicas.

A autora menciona a relevância do inconsciente para Freud e Jung. Os pensadores apontam o inconsciente como papel central na psique e concordam que diversos pensamentos, emoções e comportamentos muitas vezes sofriam influências que extrapolavam o consciente humano. Para Freud e Jung, um instrumento valiosíssimo de análise eram os sonhos. Eles defendiam que os sonhos revelam conteúdos ocultos e reprimidos pelo inconsciente e formam base essencial do processo analítico. O ato de sonhar, recordar e relatar são importantes instrumentos de análise, capazes de trazer luz para a sombra do inconsciente.

Os pensadores concordavam entre si e reconheciam a importância da transferência entre a relação entre o paciente e o analista. Eles alegavam que em uma relação ativa e dinâmica, os resultados poderiam ser ainda mais profundos e promissores, mesmo que mais tarde essa questão seria também um dos pontos de divergência entre eles. Durante o tempo em que trabalharam juntos, Freud e Jung desenvolveram abordagens e métodos clínicos baseados na escuta, na interpretação e na análise simbólica da experiência subjetiva humana, além de

desenvolverem importantes estudos clínicos e intelectuais sobre a sexualidade, que também seria ponto de divergência posteriormente.

O período de convergência entre os pensadores foi determinante para que a Psicologia do século XX ganhasse novos moldes, com mais profundidade, pluralidade e complexidade, conforme alega Fortes (s/d.). Todavia, não foi apenas o período de convergência que produziu frutos de conhecimento intelectual que integraria as práticas clínicas da Psicologia moderna, senão a própria ruptura entre Freud e Jung, que daria luz para o surgimento de novas perspectivas do pensar sobre o ser humano, bem como suas dores, desejos e meios de transformação. Surgiria, então, a Psicologia Analítica.

Para Freud (1905/2006), a libido está relacionada, por analogia, à energia hidráulica, onde pode ser fluída, represada, canalizada ou desviada. Em casos de impedimento de expressão da energia sexual, a mesma buscaria produção intelectual ou artística ou se converteria em neurose, assim como acontece com o fenômeno de sublimação. Segundo a Psicanálise de Freud (1905/2006), a energia sexual é voltada apenas para o indivíduo, é o combustível do aparelho psíquico, a força que impulsiona o indivíduo para a pulsão de vida. Esse ponto se tornou um fator de discordância e desavença entre Freud e Jung, dentre os outros motivos que levaram ao rompimento.

Jung (1875-1961) expande o conceito psicanalítico sobre energia sexual e já não compreende que a mesma seja a energia motriz da psique humana senão que fosse Eros (tensão sexual), impulso biológico do prazer mesmo quando aplicado em outros pontos diferentes da sexualidade. Segundo a visão do pensador, a libido não se reduzia apenas ao desejo sexual, mas à energia vital neutra ou energia psíquica que poderia também se manifestar através da fome, criatividade, religiosidade ou mesmo às aspirações intelectuais do indivíduo.

Em sua obra *Transformações e símbolos da libido*, Jung (1912-2025) trouxe uma visão mais ampla sobre a perspectiva psicanalítica sobre a energia sexual. Ele apresentou a energia psíquica indiferenciada. Jung utilizou mitos, religiões e filosofia para demonstrar que a energia psíquica vital não necessariamente se resumiria apenas à tensão sexual, o que levou Freud a acusar Jung de misticismo ao descontextualizar a Psicanálise de sua essência. Com o rompimento da parceria, Jung seguiu com os estudos de maneira mais independente, trazendo novos moldes em metodologias e práticas clínicas, transformando o saber para uma visão mais ampliada, dando origem à Psicologia Analítica.

2.2 Fundamentos da Psicologia Analítica

Diferente de Freud, que possuía uma perspectiva mais reducionista sobre sexualidade em detrimento aos sonhos, Jung enxergava os sonhos como mensagens simbólicas do inconsciente, frequentemente carregada de elementos mitológicos e espirituais (Fortes, s/d.). A partir da obra *O Eu e o Inconsciente* (1971/2008) e *O homem e seus símbolos* (2008), Jung nos traz uma nova percepção sobre o inconsciente, diferente de Freud, que o enxergava semelhante a um “apêndice” de armazenamento de dados.

A Psicologia Analítica nada mais é do que a integração das polaridades: positivo e negativo, o bem e o mal, a luz e a sombra, Consciente e Inconsciente. Esta integração é realizada através dos símbolos e da Canalização de Energia Psíquica. O símbolo é aquele que carrega a função de unir/ juntar os pólos. [...] quanto mais a nossa psique se integra ao

universo, mais nos tornamos criativos e inteiros (Instituto Freedom, 2017, s.p.).

Jung descreve o inconsciente como algo muito mais amplo e complexo. O inconsciente já não se trata de um depósito de conteúdos reprimidos e experiências individuais sexuais, mas de uma instância ativa psíquica, carregada sim de experiências individuais (inconsciente individual), mas não apenas isso. Leva também as experiências universais herdadas ou os chamados arquétipos (inconsciente coletivo). Dessa maneira, desempenha papel fundamental de equilíbrio entre a psique e o processo de individuação (desenvolvimento da personalidade).

Segue nos tópicos seguintes, de forma condensada, as principais fundamentações da Psicologia Analítica a partir do livro *O Eu e o Inconsciente* (1971/2008) e *O homem e seus símbolos* (2008), trazendo uma nova forma de pensar sobre o inconsciente humano da Psicologia moderna.

2.3 A dualidade do inconsciente

Seguindo a obra de Jung (1875-1971), o inconsciente nessa perspectiva está dividido entre Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo e a dupla função do Problema e Potencial, que se complementam entre si. O Inconsciente Pessoal se trata das experiências individuais reprimidas ou esquecidas, podendo ser organizadas no que Jung chamou de *complexos*.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é, sem dúvida, pessoal. Chamamo-la de inconsciente pessoal. Mas esse inconsciente pessoal repousa sobre uma camada mais profunda, que não provém de experiências pessoais e não é uma aquisição pessoal, mas é inata. Essa camada mais profunda, chamamo-la de inconsciente coletivo (Jung, 1971/2008, p. 15).

Um exemplo simples é a reação desproporcional do indivíduo que já recebeu duras críticas e se vê inseguro diante de um enfrentamento a uma nova crítica. A reação desproporcional se trata de um complexo ligado à rejeição. Já o Inconsciente Coletivo se trata de uma camada mais complexa e profunda da psique, de caráter universal, inato e estruturante comum a todos os seres humanos, chamado por Arquétipos.

Os arquétipos são, em sua essência, formas primordiais e universais de pensamento, sentimento e ação. Eles não são ideias ou conceitos criados pela mente individual, mas sim padrões inatos e herdados que residem no inconsciente coletivo, uma camada mais profunda da psique, comum a toda a humanidade (Peres, 2026, s.p.).

Os arquétipos se tratam de estruturas psíquicas herdadas, de maneira a dar forma ou padrão básicos de percepção, emoção ou comportamento. Os arquétipos podem se manifestar através de sonhos, mitos, símbolos culturais, fantasias e imaginação. Exemplos de alguns arquétipos muito importantes:

- *Sombra*: representa os traços reprimidos ou não reconhecidos da personalidade. Exemplo: sonhar com algo que represente ameaça ou perigo, pode simbolizar conteúdos de si mesmo que o sujeito relute em conhecer (Jung, 1971/2008);
- *Persona*: Jung define como a “máscara social”, a forma como sujeito se apresenta para a sociedade e o mundo, ocultando, muitas vezes, os seus

reais desejos ou emoções. Exemplo: um sujeito que se mostra muito educado e formal em público e não demonstra suas emoções mais autênticas e profundas (Jung, 1971/2008).

- *Herói*: arquétipo característico ao que tange força, superação e enfrentamento de desafios. Exemplo: figuras heroicas que passam situações difíceis e emergem fortalecidos como vencedores (Jung, 1971/2008).

Reiterando sobre complexos, eles são exemplos claros da autonomia de conteúdo. Em outras palavras, o complexo funciona de maneira autônoma, como no exemplo da pessoa que tem reações desproporcionais às críticas. Isso aponta para um possível processo interno ao qual o sujeito não tem domínio pleno, por isso funciona de maneira autônoma, ainda que não seja totalmente arbitrário. Podem surgir a partir de experiências intensas ou traumáticas e podem ser acionados de maneira involuntária em detrimento de situações específicas. Podem se manifestar através de lapsos de linguagem, sonhos, pensamentos intrusivos ou reações emocionais desproporcionais (Jung, 1971/2008).

Em sua obra *O homem e seus símbolos*, Jung (2008) menciona sobre a dupla funcionalidade do inconsciente, pois este tem capacidade tanto para atuar como fonte de desordem psíquica como propulsor de orientação e desenvolvimento. Quando o inconsciente está atuando na função retrospectiva (patogênica), ele arquiva conteúdos relacionados ao passado do indivíduo como: experiência reprimida, conflitos não resolvidos ou emoções não elaboradas. Tais conteúdos podem se revelar de maneira implícita, somatizando sintomas, angústias ou comportamentos desproporcionais.

Já o inconsciente na função prospectiva (orientadora) faz a projeção para o futuro, como por exemplo, buscar novas possibilidades de ação, sugestão de caminhos de desenvolvimento ou alinhamento de equilíbrio da personalidade. Um exemplo prático seria o de uma pessoa insatisfeita com a própria vida que começa a sonhar com frequência com mudanças (emprego novo, viagem, portas se abrindo). Em síntese, a dupla função se trata de um sistema que pode tanto revelar conflitos como guiar transformações do indivíduo, ou seja, o Problema x Potencial (Jung, 2008).

3 FIGURAS DE ALTERIDADE

Segundo Jung (1971/2008), as figuras de alteridade se referem a uma figura personificada de um conteúdo inconsciente apresentado ao Ego como um “outro” autônomo. Sua autonomia se deve ao fato que o Ego não reconhece quem não pertença ao seu domínio direto, e o compreende como um conteúdo “estranho” ou alheio da psique, por não exercer um controle consciente sobre esse conteúdo.

Dessa maneira, a alteridade se manifesta através da projeção, que ocorre a partir do momento que o indivíduo não reconhece determinadas qualidades como parte de si e o Ego “projeta” essas qualidades no mundo exterior. Como fenômeno, o sujeito não reconhece para si a própria característica, mas a enxerga como figura (podendo ser uma pessoa, inimigo ou herói) que personifica essas características. Já a função da projeção pode servir como espelho da psique que confronta o Ego a fim de conversar e interagir com as partes desconhecidas de si mesmo. As principais figuras de alteridade são as peças importantes que conectam os arquétipos para interagir com a consciência. Segundo Jung (2008) as principais figuras são: a sombra, ânima/ânimus, a persona, velho sábio/grande mãe e self.

A sombra representa, ao mesmo tempo, um arquétipo e uma alteridade, mas quando se analisa na perspectiva de figura de alteridade, ela se direciona a ser a figura de personificação, que projeta em relação a pessoas do mesmo sexo do indivíduo, como representante daquilo que o Ego rejeita para preservar a autoimagem. Exemplificando através de sonhos, um bom exemplo são os sonhos com perseguidores ou personagens sombrios, pois são marcadores de que ocorre sua integração; o sujeito admitiria “também ser capaz” tanto quanto os personagens.

Jung (2008) já se refere a ânima/ânimus como representantes da alteridade sexual que possuem funções de relacionamento entre o consciente e o inconsciente coletivo. A Ânima representa a personificação da figura feminina no homem e o Ânimus a personificação masculina na mulher. Em outras palavras, seria dizer que se trata da projeção da mulher ideal ou do homem herói que os indivíduos projetam uns nos outros dentro de um relacionamento. Os indivíduos buscam encontrar suas projeções um no outro dentro da relação.

Seguindo a linha dos arquétipos, a persona também é uma alteridade ao mesmo tempo em que é um arquétipo, porque, de maneira resumida, é uma figura que leva o indivíduo a fazer distinção entre quem ele é e o papel que ele desempenha. Seria dizer que se trata de um sistema de adaptação ou mesmo um seguimento do inconsciente coletivo que o indivíduo “veste” convívio coletivo. A alteridade do Self é uma figura importantíssima, que se manifesta através da representação plena da psique (consciente mais inconsciente). É a matriz organizadora da personalidade. Para o Ego ela tem uma força potente, que rege os desejos mais importantes dos indivíduos para além dos desejos primitivos do cotidiano (Jung, 2008).

Por último, o Velho Sábio/Grande Mãe, que se manifesta em estágios mais avançados do desenvolvimento psíquico, chamado de individuação (2008). Durante o processo de individuação ele aparece quando o ego esgota suas capacidades lógicas e o indivíduo carece de orientação que transcenda sua experiência pessoal. Como alteridade, se mostra como figura de sabedoria superior à do indivíduo (podendo ser interna ou externa) e pode surgir como mestre ou mentor, trazendo o conhecimento necessário ao qual o sujeito ainda não pôde adquirir com uma função compensatória pelo esgotamento lógico do indivíduo.

A grande mãe, por sua vez, representa a psique objetiva, manifestando através do eros o acolhimento e natureza, sendo uma contraparte funcional e polar do velho sábio (Jung, 2008). A grande mãe pode apresentar dois aspectos importantes: mãe Nutriz, que representa a proteção, acolhimento, renascimento e transformação, mas também pode representar a mãe devoradora, que representa o oposto (regressão, aprisionamento no inconsciente e estagnação). Durante o processo de individuação, a Grande Mãe surge como uma alteridade para ser enfrentada para alcançar a maturidade.

4 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

De acordo com Stein (2015), após o rompimento com Freud, Jung adentrou em um período de reflexões intensas, marcados por isolamento e desorientação, pois vivia um conflito interno onde as teorias psicanalíticas sobre energia sexual já não contemplavam a explicação da grandeza e complexidade da psique humana que, para ele, estava além das razões biológicas.

Durante esse período, Stein (2015) relata que Jung permitiu a emersão de imagens, símbolos e fantasias a fim de registrá-las para estudo, o que deu origem a

uma das suas obras mais icônicas (o *Livro Vermelho de Jung*, 2010). Notou-se, então, a existência de uma *força diretiva* que “empurrava” o indivíduo para o amadurecimento, rumo à plenitude de sua identidade. Jung também observava a recorrência de ícones comuns em sonhos de pacientes em crises, a *mandala*, sendo ícone de representatividade como tentativa do inconsciente de reorganização do caos instaurado e integração das partes outrora perdidas.

A partir da obra de Stein (2015), entende-se o processo de individuação como processo teleológico central da Psicologia Analítica, definida como a realização do *Self* por meio da diferenciação psíquica. Diferente individualismo do Ego, a definição ontológica do processo de individuação se refere à conquista total e indivisível do *Self*. Em outras palavras, é a integração relacional e dialógica entre os conteúdos do consciente com os pilares do inconsciente do indivíduo, buscando o amadurecimento da personalidade de maneira mais singular e autêntica. “Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por 'individualidade' entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo” (Jung, 2008, p. 22).

O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral, esses símbolos são formas quaternárias e círculos. Chamei a esse processo de processo de individuação (Jung, 2008, p. 22).

Para que o processo de individuação ocorra, inicialmente, é necessário o desligamento entre o indivíduo e a persona que, a partir do confronto com a sombra, abre caminho para o inconsciente e sua integração. Feito isso, surge o desafio do equilíbrio entre ânima e ânimus, e, a partir desse equilíbrio, abre-se espaço necessário para que o Ego deixe o controle absoluto e passe a ocupar a posição de apoio para o *self*, a quem deve pertencer a verdadeira responsabilidade pela regulação psíquica autêntica.

Jung (2015) ainda ressalta que o processo de individuação se intensifica durante a segunda metade da vida, quando, por conta do momento biológico e social, o sujeito cede espaço pela busca do sentido e transcendência. Por conta da transcendência, o sujeito passa a sintetizar melhor os opostos e superar as fragmentações psíquicas. O resultado desse processo é a emergência de um indivíduo mais centrado e capacitado a suportar as tensões próprias à sua existência sem aderir à massificação, orientado por uma ética interna de compromisso consigo e à sua vocação.

5 TIPOS PSICOLÓGICOS

Neste tópico serão abordados os tipos psicológicos conforme formulados por Jung, destacando seus conceitos fundamentais. Busca-se, assim, evidenciar a relevância dessa teoria para a compreensão das diferenças individuais, especialmente no que se refere às formas recorrentes de manifestação da personalidade que permitem a identificação dos tipos.

Na obra *Tipos Psicológicos*, Jung (2015) apresenta os tipos psicológicos como resultado da combinação entre disposições e funções psíquicas. Destaca-se que a disposição psíquica pode ser introvertida ou extrovertida, enquanto as funções

correspondem a quatro formas principais: intuição, pensamento, sentimento e sensação. Essa proposta não tem por objetivo rotular nem classificar rigidamente os indivíduos, mas oferecer um instrumento que auxilie na compreensão do funcionamento e da dinâmica da personalidade (Jung, 2015).

Tanto as atitudes quanto as funções organizam-se em pares de polaridade. No que se refere às atitudes, o par introversão/extroversão diz respeito à direção do fluxo de energia psíquica, que pode orientar-se para o mundo interno ou para o mundo externo. Já no que se refere às funções psíquicas, estas também se estruturam em relações de oposição, organizando-se em dois pares fundamentais: pensamento e sentimento, que constituem funções racionais, e sensação e intuição, que correspondem às funções irracionais.

Jung (2015) distinguiu oito tipos psicológicos decorrentes da articulação entre as atitudes fundamentais e as quatro funções psicológicas: o tipo pensamento extrovertido, tipo pensamento introvertido, tipo sentimento extrovertido, tipo sentimento introvertido, tipo sensação extrovertido, tipo sensação introvertido, tipo intuição extrovertido e o tipo intuição introvertido. Cada um desses tipos caracteriza-se pelo predomínio de uma função psicológica associada a uma determinada atitude, o que resulta em diferentes formas de perceber, interpretar e se relacionar com o mundo.

6 DISPOSIÇÕES PSÍQUICAS

Jung (2015) destaca que as disposições psíquicas, também denominadas atitudes, diferenciam-se pela direção de seu interesse e pelo movimento da libido. Essas atitudes são mecanismos opostos: a introversão direciona a energia psíquica para o interior do sujeito, concentrando a libido internamente, enquanto a extroversão volta-se para o mundo exterior. Nesse sentido, o indivíduo introvertido concentra sua atenção internamente, retirando a libido do objeto para evitar ser dominado por ele, ao passo que o extrovertido direciona sua energia de forma positiva e aberta ao objeto externo. Como explica Silveira (1981), o objeto, nesse contexto, é entendido por tudo aquilo que não pertence ao mundo interno do indivíduo, abrangendo tanto pessoas quanto estímulos e situações externas.

De acordo com Jung (2015), esses modos distintos de relação do sujeito com o objeto constituem diferentes processos de adaptação à realidade. Cada uma dessas relações implica uma influência mútua, na qual tanto o sujeito quanto o objeto sofrem modificações. Essas transformações constituem o próprio processo de adaptação, de modo que as disposições psíquicas para com o objeto podem ser compreendidas como diferentes formas de ajustamento.

A natureza conhece dois caminhos fundamentais diferentes de adaptação que tornam possível a sobrevivência dos organismos vivos: um caminho é a enorme proliferação, mas com relativamente pouca força defensiva e curta duração de vida; o outro é a dotação do indivíduo com inúmeros meios de autoconservação, mas com relativamente pequena proliferação. Parece-me que este contraste biológico não é apenas o análogo, mas o fundamento geral de nossos dois modos psicológicos de adaptação (Jung, 2015, p. 447).

Na perspectiva de Jung (2015), as crianças apresentam disposições psíquicas bem definidas, mesmo nos primeiros anos de vida, o que o levou a supor que não é só a luta pela sobrevivência que determina uma atitude. Duas crianças que receberam a mesma criação poderiam manifestar tipos opostos, sem que se possa manifestar a menor modificação na criação da mãe. Desse modo, fica

evidenciado que a disposição individual para uma ou outra atitude é particular de cada indivíduo.

Consoante Jung (2015), ainda que ambos os mecanismos façam parte da atividade psíquica, fatores internos e externos podem favorecer um em detrimento do outro, ocasionando a predominância relativa de uma das atitudes. Quando essa predominância se torna habitual, constitui-se parte de um tipo psicológico. Todavia, não existem tipos puros, pois os dois mecanismos permanecem necessários no indivíduo para a dinâmica psíquica.

6.1 Introversão x extroversão

Ao considerar a dinâmica da estrutura psíquica, Jung (2015) compreendeu as atitudes de introversão e extroversão como orientações fundamentais da energia psíquica, diretamente relacionadas à forma como o indivíduo estabelece sua relação com o mundo. Nesse sentido, tais atitudes não se configuram apenas como características comportamentais, mas como disposições estruturantes do funcionamento psíquico.

Na atitude introvertida, observa-se a predominância da orientação de energia para o mundo interno, de modo que ele tende a atribuir maior valor ao mundo interno, uma vez que o sujeito tende a sobrepor suas próprias vontades e experiências subjetivas aos estímulos externos. Assim, o ambiente externo assume um papel secundário, funcionando, muitas vezes, apenas como expressão de conteúdos internos, como ideias e sentimentos, considerados essenciais. Tal configuração favorece uma adaptação voltada à realidade psíquica interna, na qual a reflexão e a elaboração subjetiva assumem centralidade (Jung, 2015).

Em contrapartida, na atitude extrovertida, a energia psíquica orienta-se predominantemente para fora, o foco recai sobre o mundo externo, enquanto o sujeito ocupa uma posição secundária, de modo que as percepções e opiniões subjetivas podem ser vistas como supérfluas ou até mesmo perturbadoras diante dos fatos objetivos. Como consequência, a adaptação ocorre prioritariamente em relação à realidade objetiva, favorecendo a interação com o meio e a adequação às exigências externas (Jung, 2015).

O extrovertido se caracteriza por sua constante doação e intromissão em tudo; a tendência do introvertido é defender-se contra as solicitações externas e precaver-se de qualquer dispêndio de energia que se refira diretamente ao objeto, mas criar para si uma posição segura e fortificada ao máximo (Jung, 2015, p. 447).

Contudo, é importante ressaltar que tais atitudes não se apresentam de forma absoluta ou excludente, uma vez que ambas coexistem na psique, ainda que uma delas se manifeste de maneira predominante. Nessa perspectiva, a oposição entre introversão e extroversão integra a dinâmica de autorregulação psíquica, contribuindo para o equilíbrio e o desenvolvimento do indivíduo (Jung, 2015).

7 FUNÇÕES PSÍQUICAS

Jung (2015) observou que, mesmo dentro de uma mesma atitude típica, havia variações significativas entre os indivíduos. Pessoas extrovertidas, por exemplo, podem apresentar formas distintas de comportamento, assim como ocorria entre as introvertidas. A partir dessa constatação, o autor concluiu que o indivíduo não

poderia ser definido apenas pela direção de seu interesse ou da libido, mas também pela função psíquica mais diferenciada, por meio da qual se orienta e se adapta à realidade.

Conforme postulado por Jung (2015), as funções básicas da psique, que se distinguem de maneira genuína e essencial entre si, são classificadas em quatro: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Quando uma dessas funções se apresenta de forma predominante, ela passa a exercer papel central na organização da consciência, constituindo um dos elementos fundamentais do tipo psicológico. Nesse contexto, estabelece-se uma hierarquia funcional, na qual há uma função dominante, mais desenvolvida, e uma função inferior, menos diferenciada.

Existem funções principais e inferiores e cada um desses tipos pode manifestar-se tanto em uma atitude introvertida quanto extrovertida, de acordo com a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo. Assim, a combinação entre função predominante e atitude psíquica resulta em diferentes configurações de personalidade (Jung, 2015).

Ademais, Jung (2015) agrupa essas funções em dois pares: as funções racionais e as funções irracionais. O pensamento e o sentimento constituem as funções racionais, pois envolvem processos de julgamento e avaliação, permitindo ao indivíduo atribuir significado às suas experiências. Já a sensação e a intuição correspondem às funções irracionais, uma vez que não se baseiam em julgamentos, mas na forma como a realidade é percebida, seja por meio dos dados sensoriais imediatos, seja pela apreensão de possibilidades e conteúdos não evidentes.

Essas funções organizam-se em relações de oposição e complementaridade, de modo que o predomínio de uma implica o relativo rebaixamento de sua função oposta. Assim, a dinâmica psíquica envolve um equilíbrio entre funções conscientes e inconscientes, sendo a diferenciação dessas funções um aspecto central para o desenvolvimento psicológico (Jung, 2015).

Em síntese, as quatro funções psicológicas propostas por Jung representam diferentes modos de relação do indivíduo com o mundo interno e externo. O desenvolvimento e a integração dessas funções são considerados essenciais para o processo de individuação, uma vez que possibilitam uma ampliação da experiência psíquica e favorecem uma expressão mais autêntica da personalidade (Jung, 2015).

7.1 Sensação, intuição, pensamento e sentimento

Quando a função sensação ocupa posição dominante, o indivíduo orienta-se prioritariamente pelos dados sensoriais, baseando-se em percepções corporais e fisiológicas. Trata-se de uma função voltada à apreensão direta dos fatos tal como se apresentam, constituindo um meio imediato de contato com a realidade concreta. Nesse sentido, a sensação configura-se como o fundamento perceptivo da psique, funcionando como via de acesso tanto à realidade externa quanto à interna (Jung, 2015).

Por sua vez, o indivíduo cuja função predominante é a intuição, orienta-se pela percepção de possibilidades e conteúdos que não se apresentam de forma direta à consciência. Essa percepção pode assumir um caráter subjetivo, quando voltada aos conteúdos internos e inconscientes, ou objetivo, quando direcionada à apreensão de elementos externos e subliminares. A intuição é considerada uma função irracional, na medida em que não se fundamenta em julgamentos lógicos ou avaliações conscientes, estando frequentemente associada a níveis mais primitivos do desenvolvimento psíquico (Jung, 2015).

Quando o pensamento ocupa posição dominante, o sujeito tende a orientar sua conduta pela razão e pela análise reflexiva. Nesse caso, as experiências são organizadas, interpretadas e compreendidas a partir de princípios lógicos e racionais, de modo que suas ações se fundamentam predominantemente em motivações de natureza intelectual (Jung, 2015).

Por fim, quando o sentimento se apresenta como função principal, o indivíduo estabelece uma relação avaliativa entre o eu e os conteúdos psíquicos, atribuindo-lhes valor. Esse processo envolve julgamentos de aceitação ou rejeição, prazer ou desprazer. Diferentemente do pensamento, o sentimento não se orienta pela construção de relações conceituais, mas pela valoração subjetiva da experiência, constituindo, assim, uma forma específica de julgamento (Jung, 2015).

7.2 Tipos psicológicos extrovertidos

Nos tipos psicológicos extrovertidos, a atitude predominante caracteriza-se pela orientação da energia psíquica em direção ao mundo externo. Quando essa orientação se torna habitual, o indivíduo passa a organizar suas ações, pensamentos e afetos prioritariamente em função de condições objetivas, atribuindo maior valor a estas em detrimento de suas disposições subjetivas (Jung, 2015).

Sob esse olhar o sujeito extrovertido tende a ajustar-se às exigências do meio, orientando seu comportamento por normas sociais, expectativas coletivas e dados concretos da realidade. Sua atenção e interesse dirigem-se, de forma predominante, aos acontecimentos externos, sejam eles relativos às relações interpessoais ou às circunstâncias ambientais. Como consequência, suas ações assumem, em geral, um caráter adaptativo, buscando responder de maneira eficaz às demandas do contexto em que se insere (Jung, 2015).

Entretanto, conforme ressalta Jung (2015), tal ajustamento ao mundo externo não implica, necessariamente, uma adaptação plena. A predominância do objeto pode conduzir à negligência de aspectos subjetivos essenciais, como necessidades internas, desejos e limites pessoais. Dessa forma, ainda que o indivíduo extrovertido se apresente funcional e socialmente adequado, pode ocorrer um desequilíbrio na consideração de sua realidade psíquica interna.

Outro aspecto relevante refere-se à possibilidade de identificação excessiva com o objeto. Quando a extroversão se manifesta de forma exacerbada, o sujeito pode orientar-se quase exclusivamente pelas demandas externas, em detrimento de sua individualidade. Nesses casos, conteúdos subjetivos reprimidos tendem a manifestar-se de modo indireto, podendo emergir por meio de sintomas psicológicos ou somáticos, como forma de compensação (Jung, 2015).

Ademais, Jung (2015) destacou que a atitude consciente extrovertida é compensada por uma atitude inconsciente de caráter introvertido. Assim, quanto mais unilateral for a orientação para o exterior, maior tende a ser a pressão de conteúdos internos não reconhecidos, os quais podem assumir características primitivas ou regressivas. Essa dinâmica evidencia a necessidade de equilíbrio entre as dimensões interna e externa da psique.

Por fim, ressalta-se que o tipo extrovertido não constitui uma estrutura rígida ou absoluta. A extroversão indica uma predominância na orientação da energia psíquica, coexistindo com processos introvertidos que participam da regulação e da totalidade do funcionamento psicológico (Jung, 2015).

7.3 Tipo sensação extrovertido

No tipo sensação extrovertido a relação com o mundo se dá, primordialmente, através da experiência sensorial direta. A atenção se fixa no que é concreto, visível e imediatamente dado, de modo que os dados dos sentidos assumem papel organizador da vida psíquica. Conforme descreve Jung (2015), trata-se de um tipo com elevada capacidade de apreensão dos fatos, acumulando experiências diretamente vinculadas a objetos e situações concretas.

Desse modo, o indivíduo orienta sua vida pela busca de experiências sensoriais, voltando-se ao gozo do real e à vivência imediata. Sua conduta não é necessariamente marcada por excessos, podendo manifestar-se também sob formas mais elaboradas, como na apreciação estética. Ainda assim, a sensação permanece como princípio organizador central, mesmo nas expressões mais refinadas de experiência (Jung, 2015).

Em níveis mais básicos de desenvolvimento, esse tipo tende a apresentar reduzida inclinação à reflexão, concentrando-se na vivência direta da realidade. Seus interesses dirigem-se ao que é palpável e concreto, enquanto aspectos subjetivos ou simbólicos podem ser desconsiderados ou tratados com desconfiança. Quando recorre ao pensamento ou ao sentimento, tende a subordiná-los a fundamentos objetivos derivados da experiência sensorial (Jung, 2015).

Além disso, Jung (2015) destaca que, em condições de relativo equilíbrio, o tipo sensação extrovertido demonstra boa adaptação à realidade, sendo capaz de integrar-se de forma funcional ao ambiente. Sua valorização do presente e do concreto contribui para uma relação prática com o mundo, frequentemente associada a um estilo de vida orientado pelo prazer, pelo gosto e pela adequação às circunstâncias.

Quando há predominância excessiva dessa função, o sujeito pode tornar-se subordinado a ela, levando à desvalorização do objeto enquanto realidade em si e à sua utilização apenas como fonte de estimulação sensorial. A experiência, então, perde profundidade e tende a se reduzir à busca de prazer ou de impressões agradáveis, o que pode levar a uma certa superficialidade nas relações e nas escolhas (Jung, 2015).

Nessas condições, conteúdos inconscientes, especialmente ligados à função intuição reprimida, tendem a manifestar-se de forma compensatória. Jung (2015) apontou que isso pode emergir por meio de projeções, fantasias, medos ou sintomas neuróticos, frequentemente de caráter exagerado ou pouco realista, em contraste com a orientação consciente voltada ao concreto.

Outrossim, o autor observou que, em estados mais extremos, pode ocorrer o desenvolvimento de sintomas obsessivos e distorções no pensamento, no sentimento e na religiosidade, decorrentes da oposição entre a consciência orientada pela sensação e os conteúdos inconscientes reprimidos. Essa dinâmica evidencia o risco de unilateralidade na predominância da função sensação, reforçando a necessidade de equilíbrio entre as funções psíquicas (Jung, 2015).

7.4 Tipo intuitivo extrovertido

Quando a função intuição predomina em associação com uma atitude extrovertida, configura-se um tipo psicológico caracterizado pela orientação para possibilidades presentes no mundo externo. De acordo com Jung (2015), diferentemente do tipo sensação, que se ancora em dados concretos e

reconhecidos, o intuitivo volta-se para aquilo que ainda está em processo de formação, demonstrando sensibilidade para o que é potencial e promissor.

Essa disposição implica uma relação instável com a realidade concreta. O indivíduo intuitivo tende a evitar situações estáveis e consolidadas, pois sua atenção se direciona continuamente a novas possibilidades. Ele apreende com intensidade objetos e situações, frequentemente com entusiasmo, mas pode abandoná-los com a mesma rapidez quando deixam de oferecer perspectivas de desenvolvimento. Sua orientação não se fixa na permanência, mas na abertura ao novo (Jung, 2015).

Nesse movimento, o intuitivo é fortemente impulsionado pelas possibilidades que percebe, podendo dedicar-se a elas de forma quase exclusiva. Mesmo diante de argumentos racionais ou afetivos que favoreçam a estabilidade, tende a romper com situações anteriores quando identifica novas oportunidades, ainda que isso implique contradições em relação às suas próprias convicções anteriores (Jung, 2015).

Tal dinâmica relaciona-se ao fato de que, nesse tipo, as funções pensamento e sentimento são menos diferenciadas, não exercendo influência suficiente para contrabalançar o predomínio da intuição. Como consequência, o julgamento e a avaliação crítica tornam-se secundários, e a conduta passa a ser orientada principalmente pela percepção intuitiva das possibilidades (Jung, 2015).

No que se refere à moralidade, o intuitivo não se orienta prioritariamente por princípios racionais ou valores afetivos compartilhados, mas por uma fidelidade interna à sua própria intuição. Assim, tende a demonstrar pouca consideração pelas convenções sociais ou pelo bem-estar alheio, podendo ser percebido como instável ou pouco comprometido com normas pré-estabelecidas (Jung, 2015).

Apesar disso, esse tipo possui grande relevância social, econômica e cultural, especialmente quando suas ações são direcionadas de forma construtiva. O intuitivo pode desempenhar o papel de iniciador de projetos, agente de transformação e promotor de novas ideias, sendo capaz de identificar potencialidades em pessoas e contextos, favorecendo processos de desenvolvimento e inovação (Jung, 2015).

Por outro lado, essa mesma orientação pode dificultar a consolidação de resultados. A constante busca por novas possibilidades pode levar à dispersão e à dificuldade de consolidar realizações, fazendo com que o indivíduo abandone projetos antes de colher seus resultados. Nesse processo, pode acabar fragmentando sua trajetória e não usufruindo dos frutos de suas próprias iniciativas.

No plano inconsciente, o tipo intuitivo apresenta conteúdos compensatórios relacionados às funções menos desenvolvidas, especialmente pensamento e sentimento. Esses conteúdos podem manifestar-se de forma primitiva ou desorganizada, contribuindo, em casos extremos, para conflitos psíquicos ou sintomas neuróticos (Jung, 2015).

7.5 Tipo pensamento extrovertido

De acordo com Jung (2015), no tipo pensamento extrovertido, o indivíduo conduz sua vida baseado em conclusões de linha intelectual, fundamentadas em dados objetivos, sejam estes fatos de natureza concreta ou ideias consideradas universalmente como verdadeiras. Essa orientação confere à realidade um valor normativo, servindo como critério de julgamento de verdade ou mentira, certo ou errado, feio ou belo.

Nesse ínterim, o sujeito não apenas se orienta pela sua própria formulação intelectual, mas também tende a exigir que ela seja reconhecida e adotada pelos que estão à sua volta. Jung (2015) apontou que tal “fórmula” assume o caráter de

uma lei geral, devendo ser aplicada de modo universal. Assim, pessoas e situações são avaliadas conforme sua conformidade com esse sistema, sendo frequentemente consideradas inadequadas, irracionais ou incorretas quando não estão de acordo com seu ponto de vista.

No âmbito social, esse tipo exerce funções relevantes, atuando como organizador, reformador ou sistematizador de ideias. Quando sua orientação não se apresenta de forma excessivamente rígida, suas formulações podem contribuir para o desenvolvimento coletivo e para a ordenação da realidade social. Contudo, à medida que sua estrutura intelectual se torna mais inflexível, aumenta a tendência ao dogmatismo, com a imposição de esquemas fixos tanto para si quanto para os outros (Jung, 2015).

No entanto, Jung (2015) ressalta que nenhuma formulação intelectual é capaz de abarcar a totalidade da experiência humana. Como consequência, outras dimensões da vida psíquica, especialmente aquelas relacionadas ao sentimento, à estética e às relações interpessoais, tendem a ser desvalorizadas ou reprimidas. Essas funções permanecem ativas no inconsciente, podendo gerar tensões internas e dificuldades na condução da vida.

Nesse contexto, o sentimento assume posição inferior e é particularmente afetado pela repressão. Ainda que parcialmente adaptado às exigências da consciência, uma parcela significativa permanece inconsciente, desenvolvendo-se de forma autônoma e, frequentemente, em oposição à atitude consciente. Jung (2015) observa que essa dinâmica pode resultar em contradições, como a presença de motivações inconscientes em comportamentos aparentemente orientados por princípios racionais.

Ademais, a atitude consciente tende a adquirir um caráter impessoal, o que pode comprometer aspectos relevantes da vida individual, como os vínculos afetivos e o bem-estar pessoal. Em situações mais extremas, o indivíduo pode negligenciar suas próprias necessidades e as dos outros em função de seus ideais intelectuais, reduzindo sua capacidade de empatia e de consideração pelas relações (Jung, 2015).

Outro aspecto relevante refere-se à influência dos conteúdos afetivos inconscientes sobre o pensamento. Quanto mais reprimidos esses conteúdos, maior a probabilidade de interferirem de maneira distorcida na atividade intelectual, contribuindo para o enrijecimento das ideias e para a adoção de posições dogmáticas. Nesse processo, a verdade deixa de ser um valor independente e passa a ser identificada com o próprio sujeito, favorecendo atitudes defensivas e, por vezes, agressivas diante de questionamentos (Jung, 2015).

Jung (2015) destaca ainda que, em determinadas condições, a formulação intelectual pode adquirir um caráter absoluto, aproximando-se de uma crença de natureza dogmática. Tal configuração conduz à exclusão de perspectivas divergentes e à formação de uma oposição inconsciente igualmente extrema, marcada por conteúdos irracionais e pouco elaborados.

Adicionalmente, Jung (2015) evidencia que essa dinâmica expressa o caráter compensatório do inconsciente, que tende a contrabalançar a unilateralidade da atitude consciente. Assim, quanto maior a identificação do indivíduo com o pensamento objetivo, maior será a probabilidade de emergência de conteúdos inconscientes opostos, indicando a necessidade de integração entre as diferentes funções psíquicas.

7.6 Tipo sentimento extrovertido

Em consonância com as ideias de Jung (2015), no tipo de sentimento extrovertido, o indivíduo organiza sua vida de acordo com valores afetivos que se encontram em sintonia com as normas e expectativas sociais. O sentimento, nesse caso, apresenta-se como uma função relativamente desenvolvida e submetida ao controle da consciência, o que contribui para uma adaptação às condições objetivas.

Nessa perspectiva, os vínculos afetivos são estabelecidos com base em critérios socialmente reconhecidos, de modo que as escolhas, inclusive amorosas, tendem a corresponder às expectativas coletivas. Ainda que o sentimento possua um caráter genuíno, ele se encontra, em grande medida, ajustado ao objeto, o que confere à personalidade uma aparência de adequação e estabilidade nas relações interpessoais (Jung, 2015).

Esse equilíbrio, no entanto, pode ser comprometido quando a importância atribuída ao objeto se intensifica. Jung (2015) aponta que, nesses casos, o sujeito pode tornar-se excessivamente identificado com os estados emocionais provocados pelas situações externas, levando a uma oscilação afetiva e à perda da unidade da personalidade. Como consequência, os sentimentos podem tornar-se instáveis e pouco confiáveis.

O autor destaca ainda que, nesse tipo, o pensamento tende a ser reprimido, uma vez que sua função crítica pode interferir no curso do sentimento. Dessa forma, o pensamento não desaparece, mas passa a operar de maneira subordinada, sendo aceito apenas quando não entra em conflito com os valores afetivos predominantes (Jung, 2015).

No plano inconsciente, essa repressão do pensamento resulta na formação de conteúdos de caráter arcaico e negativo. Jung (2015) observa que esses conteúdos podem emergir sob a forma de ideias obsessivas, frequentemente dirigidas aos próprios objetos de maior valor afetivo, colocando em dúvida ou depreciando aquilo que é conscientemente estimado.

O autor aponta também que, em casos mais acentuados, essa dinâmica pode contribuir para o desenvolvimento de quadros neuróticos, especialmente a histeria, caracterizada por uma forte carga emocional e por conteúdos inconscientes de natureza infantil. Esse processo evidencia o caráter compensatório do inconsciente diante da unilateralidade da atitude consciente (Jung, 2015).

7.7 Tipos psicológicos introvertidos

Conforme exposto por Jung (2015), o tipo psicológico introvertido diferencia-se do extrovertido por não se orientar de forma predominante pelo objeto ou pelos dados objetivos, mas sim por fatores subjetivos. Nesse sentido, entre a percepção do objeto e a ação do indivíduo interpõe-se uma mediação subjetiva, a qual impede que o comportamento seja determinado de forma direta pelas condições externas.

A consciência introvertida, embora perceba as condições do ambiente, atribui primazia aos determinantes internos. Assim, o indivíduo orienta-se principalmente pela forma como os estímulos externos são assimilados subjetivamente. Desse modo, ainda que diferentes sujeitos entrem em contato com o mesmo objeto, a experiência psíquica resultante pode variar significativamente, uma vez que a interpretação depende da disposição interna de cada indivíduo (Jung, 2015).

Nesse panorama o introvertido fundamenta-se menos no dado objetivo e mais naquilo que a experiência externa evoca em seu mundo interno. Tal característica

implica uma certa reserva em relação ao objeto, bem como uma valorização da realidade subjetiva. Jung (2015) ressalta que essa orientação não deve ser compreendida de forma pejorativa, como expressão de egoísmo ou egocentrismo, mas sim como uma dimensão legítima e indispensável do funcionamento psíquico.

O autor destaca ainda que o fator subjetivo possui valor equivalente ao fator objetivo na constituição da realidade psíquica. Isso porque todo conhecimento é necessariamente mediado pelo sujeito, não sendo possível considerar a existência de uma percepção puramente objetiva. Dessa forma, o fator subjetivo configura-se como uma dimensão essencial e inevitável da experiência humana (Jung, 2015).

Contudo, assim como ocorre na extroversão, a predominância unilateral da introversão pode levar a distorções. O desenvolvimento excessivo do ponto de vista subjetivo pode resultar em uma subjetivação exagerada da consciência, afastando o indivíduo da realidade compartilhada e dificultando sua adaptação ao meio (Jung, 2015).

Além disso, Jung (2015) apontou que a atitude introvertida se fundamenta na estrutura psíquica do sujeito, a qual inclui não apenas a consciência, mas também dimensões mais amplas, como o inconsciente. Nesse contexto, o si-mesmo configura-se como uma instância mais abrangente que o eu, englobando conteúdos inconscientes que influenciam o modo como o indivíduo percebe e interpreta a realidade.

O autor destaca ainda que, no tipo introvertido, as percepções e julgamentos subjetivos podem adquirir grande força, por derivarem de estruturas psíquicas profundas. Tais conteúdos, muitas vezes inconscientes, podem sobrepor-se às influências externas, o que contribui para a impressão, por parte de outros, de rigidez ou egocentrismo. No entanto, essa característica decorre da predominância do fator subjetivo e não de uma intenção consciente do indivíduo (Jung, 2015).

7.8 Tipo sensação introvertido

O tipo sensação introvertido caracteriza-se pela predominância da sensação orientada para o fator subjetivo. Segundo Jung (2015), trata-se de um tipo irracional, cuja orientação não se baseia em julgamentos racionais, mas na forma como os estímulos são vivenciados internamente. Diferentemente do tipo sensação extrovertido, que se orienta pela intensidade do objeto, o introvertido organiza sua experiência a partir da intensidade da impressão subjetiva suscitada pelo estímulo.

Nesse contexto, não há uma relação proporcional direta entre o objeto e a sensação, uma vez que a experiência psíquica depende predominantemente da mediação subjetiva. Como consequência, torna-se difícil prever, do ponto de vista externo, quais estímulos produzirão impacto significativo no indivíduo. Essa característica confere ao tipo um aspecto de imprevisibilidade, frequentemente encoberto por uma aparência de calma, passividade ou autocontrole (Jung, 2015).

A relação com o objeto, embora não seja conscientemente negativa, tende a ser enfraquecida pela predominância da resposta subjetiva. O estímulo externo é rapidamente substituído por uma elaboração interna que já não corresponde diretamente à realidade objetiva. Tal dinâmica pode produzir, do ponto de vista do outro, a impressão de desinteresse ou desvalorização do objeto, ainda que este permaneça necessário como desencadeador da experiência psíquica (Jung, 2015).

Adicionalmente, Jung (2015) observa que a influência do objeto pode ser significativamente reduzida pela interposição de conteúdos subjetivos provenientes do inconsciente. Em certos casos, essa mediação assume caráter defensivo como

forma de proteção frente às demandas externas. Quando a participação subjetiva se intensifica, pode ocorrer um encobrimento quase total da realidade objetiva, levando à formação de percepções marcadamente idiossincráticas.

Embora, em condições normais, o indivíduo mantenha a distinção entre percepção subjetiva e realidade externa, essa diferenciação pode tornar-se menos evidente em situações de maior unilateralidade. Nesse cenário, a percepção subjetiva tende a influenciar de maneira significativa o pensamento, o sentimento e a ação, ainda que o objeto seja reconhecido em sua materialidade (Jung, 2015).

No plano comportamental, o tipo sensação introvertido tende a adotar uma postura de neutralidade ou moderação frente ao ambiente. Busca, frequentemente, atenuar excessos, equilibrar tensões e manter certa estabilidade nas relações. Contudo, essa atitude pode resultar em dificuldade de posicionamento e em vulnerabilidade frente a influências externas mais intensas, podendo levar, em alguns casos, à submissão ou à expressão tardia de oposição (Jung, 2015).

Quando não há vias adequadas de expressão, as impressões subjetivas acumulam-se no interior do indivíduo, intensificando sua vida psíquica interna. Como as funções pensamento e sentimento encontram-se relativamente menos diferenciadas, sua capacidade de simbolização e comunicação dessas experiências torna-se limitada. Isso contribui para a dificuldade de compreensão tanto por parte dos outros quanto do próprio sujeito em relação à sua vivência interna (Jung, 2015).

Com o desenvolvimento acentuado dessa configuração, o indivíduo pode afastar-se progressivamente da realidade objetiva, orientando-se por percepções subjetivas que adquirem caráter autônomo. Em casos mais extremos, essa dinâmica pode assumir contornos próximos a uma realidade simbólica ou arcaica, na qual os elementos do mundo externo são investidos de significados não reconhecidos conscientemente (Jung, 2015).

No plano inconsciente, observa-se a presença de uma intuição de caráter extrovertido e arcaico, que atua de forma compensatória. Essa função inferior tende a captar aspectos latentes, ambíguos ou potencialmente ameaçadores da realidade, podendo manifestar-se por meio de suspeitas, interpretações negativas ou conteúdos obsessivos. Quando há equilíbrio, essa dinâmica contribui para a regulação psíquica. Contudo, situações de oposição acentuada entre consciente e inconsciente podem favorecer o desenvolvimento de quadros neuróticos, frequentemente de natureza obsessiva (Jung, 2015).

Jung (2015) evidencia que o tipo sensação introvertido ilustra de modo expressivo a autonomia da experiência subjetiva na constituição da realidade psíquica. A predominância dessa função, quando não integrada às demais, pode conduzir a distorções na relação com o mundo externo, reforçando a importância do equilíbrio entre as funções psicológicas para a manutenção da adaptação e da saúde psíquica.

7.9 Tipo intuição introvertido

O tipo intuição introvertido caracteriza-se pela predominância da intuição orientada para o fator subjetivo. Segundo Jung (2015), quando essa função assume posição dominante, configura-se um tipo voltado à apreensão de imagens internas, possibilidades e conteúdos provenientes do inconsciente. Tal orientação pode manifestar-se tanto na forma de um perfil contemplativo e visionário quanto na produção simbólica e criativa, especialmente em indivíduos com capacidade de expressão artística.

De modo geral, o intuitivo introvertido tende a concentrar-se na percepção em si, atribuindo menor importância à sua aplicação prática ou adaptação à realidade externa. Seu principal interesse reside na apreensão e elaboração das imagens internas, o que, frequentemente, resulta em um distanciamento significativo do mundo concreto. Como consequência, pode ser percebido pelos outros como enigmático ou de difícil compreensão, uma vez que sua experiência psíquica não se traduz facilmente em formas compartilháveis (Jung, 2015).

Quando essa percepção encontra vias de expressão, como na produção artística, pode dar origem a conteúdos simbólicos complexos, marcados por ambivalência e originalidade. Entretanto, quando não há elaboração ou comunicação dessas vivências, o indivíduo pode permanecer restrito à contemplação interna, limitando sua relação com o mundo externo (Jung, 2015).

Em algumas variações desse tipo, observa-se a emergência de uma dimensão reflexiva voltada ao significado das percepções intuitivas. Nesse caso, o indivíduo passa a questionar o sentido de suas visões para si e para o mundo, o que introduz um elemento de julgamento. Contudo, como as funções judicativas não se encontram plenamente diferenciadas, essa elaboração tende a ocorrer de maneira parcial, frequentemente marcada por unilateralidade. O sujeito pode, então, buscar orientar sua vida segundo essas percepções, ainda que isso implique dificuldades de adaptação à realidade concreta (Jung, 2015).

Nessa perspectiva, a conduta do intuitivo introvertido pode assumir um caráter simbólico, orientado por significados internos considerados essenciais. Entretanto, tal orientação frequentemente carece de correspondência com as exigências práticas do ambiente, o que limita sua efetividade no plano social. Sua comunicação tende a ser altamente subjetiva, pouco acessível aos outros e desprovida de força persuasiva, o que contribui para sua incompreensão (Jung, 2015).

No plano funcional, observa-se a repressão da função sensação, que assume caráter inferior no inconsciente. Essa função manifesta-se de forma extrovertida e arcaica, apresentando características como impulsividade, intensidade sensorial e forte dependência de estímulos externos. Em condições de equilíbrio, essa dinâmica atua de forma compensatória, contribuindo para a regulação da atitude consciente (Jung, 2015).

Entretanto, quando há acentuada unilateralidade na orientação intuitiva, pode ocorrer uma oposição entre consciência e inconsciente. Nesse caso, a função sensação emerge de maneira desorganizada, manifestando-se por meio de experiências sensoriais intensas, compulsões ou vínculos excessivos com objetos e pessoas. Jung (2015) observa que tais manifestações podem estar associadas ao desenvolvimento de quadros neuróticos, frequentemente caracterizados por sintomas obsessivos ou hipersensibilidade sensorial.

O autor evidencia que o tipo intuição introvertido ilustra de forma significativa a autonomia da vida psíquica interna. A predominância dessa função, quando não integrada às demais, pode conduzir a um afastamento da realidade objetiva, reforçando a necessidade de articulação entre percepção, julgamento e experiência concreta para a manutenção do equilíbrio psicológico.

7.10 Tipo pensamento introvertido

O tipo pensamento introvertido caracteriza-se pela predominância do pensamento orientado para o fator subjetivo. Conforme descreve Jung (2015), enquanto o tipo pensamento extrovertido se fundamenta nos dados objetivos da

realidade, o introvertido baseia-se em ideias que emergem do interior do sujeito. Nesse sentido, seu movimento não se dirige à adaptação ao mundo externo, mas ao aprofundamento interno, voltado à elaboração conceitual e à coerência lógica de seus conteúdos mentais.

Essa orientação subjetiva implica uma relação específica com o objeto. Jung (2015) observa que o tipo pensamento introvertido tende a apresentar certo distanciamento, que pode variar entre indiferença e rejeição. O objeto, especialmente no âmbito das relações interpessoais, pode ser percebido como secundário ou mesmo como um elemento perturbador. Como consequência, esse tipo pode ser compreendido como frio, rígido ou arbitrário em seus julgamentos, uma vez que estes se orientam prioritariamente pelo sujeito e não pela realidade externa. Ainda que possa demonstrar atitudes de cortesia, estas frequentemente não se sustentam como expressão espontânea de vínculo.

O indivíduo tende a evitar exposição e confronto direto. Jung (2015) aponta que, embora apresente ousadia no campo das construções teóricas, esse tipo pode revelar insegurança na transposição de suas ideias para a ação. Observa-se, assim, uma dificuldade em comunicar e operacionalizar seus pensamentos, o que frequentemente resulta em incompreensão por parte dos outros. Mesmo quando se expressa, tende a fazê-lo de forma pouco acessível, sem buscar mediação ou adaptação ao interlocutor.

Ademais, o tipo pensamento introvertido apresenta uma combinação de rigidez intelectual e vulnerabilidade na relação com o objeto. Segundo Jung (2015), embora se mostre inflexível em relação às próprias ideias, pode tornar-se suscetível a influências externas que não interfiram diretamente em seus interesses intelectuais. Essa dinâmica pode levá-lo a situações de prejuízo prático, muitas vezes não reconhecidas, uma vez que sua atenção permanece voltada ao mundo interno.

No contexto social, esse tipo tende a ser percebido como reservado, distante ou pouco acessível. Jung (2015) destaca que sua dificuldade em considerar o ponto de vista alheio pode comprometer sua atuação em contextos que exigem adaptação ao outro, como o ensino. Sua comunicação caracteriza-se, em geral, por elevado grau de complexidade, marcada por ressalvas e elaborações, refletindo seus próprios critérios internos. Em situações de conflito, pode adotar uma postura defensiva ou excessivamente crítica, reforçando seu isolamento.

Com o desenvolvimento mais acentuado dessa configuração, observa-se um enrijecimento progressivo das convicções. Jung (2015) indica que o indivíduo tende a rejeitar influências externas de forma cada vez mais intensa, ao mesmo tempo em que se torna mais dependente de seu círculo restrito. Nesse processo, pode ocorrer uma identificação crescente entre o sujeito e suas ideias, de modo que críticas passam a ser vivenciadas como ataques pessoais. Tal dinâmica favorece o isolamento e pode transformar construções originalmente produtivas em concepções marcadas por negatividade.

No plano funcional, o pensamento introvertido apresenta caráter positivo e sintético, sendo capaz de produzir formulações teóricas profundas e originais. Contudo, Jung (2015) ressalta que sua validade depende da manutenção de alguma relação com a realidade objetiva. Quando essa relação se enfraquece, as ideias podem adquirir um caráter excessivamente abstrato ou pouco aplicável, perdendo relevância prática. Nesse contexto, as funções menos diferenciadas permanecem em condição inferior, assumindo formas mais primitivas e exercendo influência indireta sobre a consciência.

Por fim, Jung (2015) assinala que o tipo pensamento introvertido desenvolve mecanismos de proteção frente às influências externas, como o isolamento e o estabelecimento de barreiras psíquicas. Embora tais mecanismos possuam função defensiva, podem intensificar o afastamento da realidade e acentuar conflitos internos. Essa dinâmica evidencia a tensão entre a autonomia do pensamento e a necessidade de integração com outras dimensões da experiência psíquica.

7.11 Tipo sentimento introvertido

O tipo sentimento introvertido caracteriza-se pela predominância do sentimento orientado para o fator subjetivo. Segundo Jung (2015), nesse tipo, os processos afetivos desenvolvem-se de maneira interna e pouco acessível à observação externa, o que frequentemente contribui para que o indivíduo seja percebido como reservado, silencioso ou de difícil compreensão.

De modo geral, esse tipo tende a apresentar baixa expressividade afetiva no plano externo, ainda que possua intensa vida emocional. Seus verdadeiros motivos permanecem, em grande medida, encobertos, uma vez que seus sentimentos não se orientam pela adaptação ao objeto, mas por critérios internos. Como consequência, pode manifestar atitudes de aparente indiferença ou distanciamento, especialmente quando o ambiente externo exerce pressão excessiva ou exige respostas emocionais explícitas (Jung, 2015).

Nesse contexto, a relação com o objeto é mantida de forma moderada e controlada, evitando-se tanto a entrega afetiva intensa quanto o envolvimento direto. As emoções provenientes do objeto tendem a não ser acompanhadas ou expressas abertamente, sendo, muitas vezes, inibidas ou transformadas por meio de julgamentos subjetivos. Essa dinâmica pode levar o outro a perceber o indivíduo como frio ou pouco responsivo, ainda que tal impressão não corresponda à intensidade real de seus sentimentos (Jung, 2015).

Jung (2015) ressalta que, ao contrário do que pode parecer, os sentimentos desse tipo não são fracos, mas profundamente intensos. Diferentemente do sentimento extrovertido, que se manifesta de forma extensiva e visível, o sentimento introvertido desenvolve-se em profundidade, podendo adquirir grande intensidade sem, contudo, encontrar expressão externa correspondente. Essa discrepância contribui para frequentes mal-entendidos nas relações interpessoais.

Em determinadas situações, esses conteúdos afetivos podem manifestar-se de forma indireta ou simbólica, como em produções estéticas, expressões religiosas ou investimentos emocionais deslocados. No âmbito familiar, por exemplo, Jung (2015) observa que tais conteúdos podem ser projetados, de maneira não explícita, sobre figuras próximas, como os filhos.

Adicionalmente, esse tipo pode exercer uma influência sutil sobre o ambiente, derivada da intensidade de seus conteúdos internos. Tal influência, embora pouco evidente, pode ser percebida como uma forma de pressão afetiva difusa, capaz de impactar significativamente as relações, ainda que de modo não verbalizado. Em situações mais extremas, essa dinâmica pode assumir características de dominação indireta ou controle emocional (Jung, 2015).

O sentimento introvertido mantém relação compensatória com o pensamento inconsciente, frequentemente de caráter arcaico e pouco diferenciado. Quando há equilíbrio, essa relação contribui para a regulação da vida psíquica. No entanto, em casos de acentuada unilateralidade, podem surgir distorções, como projeções

negativas, desconfiança excessiva e interpretações distorcidas das intenções alheias (Jung, 2015).

Em situações mais graves, essa dinâmica pode evoluir para estados de conflito psíquico mais intensos, caracterizados por rivalidade, suspeita e comportamento defensivo. Jung (2015) aponta que tais manifestações podem conduzir ao esgotamento psíquico e ao desenvolvimento de quadros neuróticos, frequentemente acompanhados de repercussões somáticas.

O sentimento introvertido evidencia, de modo particular, a distinção entre intensidade e expressividade emocional. Seus conteúdos afetivos, embora pouco visíveis externamente, desempenham papel central na organização da personalidade, reforçando a importância da integração entre as diferentes funções psíquicas para a manutenção do equilíbrio psicológico (Jung, 2015).

8 TIPOLOGIA PSICOLÓGICA E OS CAMPOS DE PRÁTICAS INTEGRADAS

A partir do referencial de Jung (1991), compreendeu-se que a tipologia junguiana na prática deve ser aplicada observando a atitude e as quatro funções psíquicas, orientadoras do consciente do indivíduo. Em suma, o profissional utilizará essas funções para: perceber a função superior/dominante do indivíduo, encontrar a função inferior/sombra e equilibrar a unilateralidade. A prática integrada tem por objetivo auxiliar no processo de individuação, atuando de maneira diferente de práticas mais tradicionais, já que busca a superação da unilateralidade da psique mediante a flexibilização do Ego e integração da personalidade. O objetivo é criar funções complementares, permitindo que o indivíduo possa transitar mais livremente entre modos de processar a realidade, enquanto exercita a resiliência em detrimento aos complexos. Nos parágrafos seguintes iremos abordar de forma mais detalhada em quais campos o objeto de estudo pode oferecer recursos de suporte.

A seguir, será compartilhado conhecimento da tipologia aplicada em três campos diferentes, não sendo restrito seu uso à apenas essas esferas. Os campos eleitos foram: Psicologia Educacional, Psicologia Clínica e Psicologia Institucional. As áreas foram eleitas para promover o conhecimento em diferentes esferas, sem que a pesquisa pudesse ser estendida de maneira mais aprofundada.

A partir dos estudos da tipologia psicológica junguiana na Psicologia Educacional, Silveira, Martins e Burity (2019) tecem sua crítica de forma contundente relacionando quadro geral da educação brasileira nas escolas em detrimento do conceito unilateral escolar, após relatarem que o enfoque é intenso nas funções racionais (Pensamentos e Sensações). Segundo elas, o sistema educacional como está pode desencadear desequilíbrio psíquico em se tratando dos indivíduos estudantes do ensino básico no Brasil. As autoras argumentam que o foco deveria ser a totalidade e formação integral do aluno e não apenas a performance técnica.

As autoras (Silveira; Martins; Burity, 2019) ainda relatam o fato de o sistema educacional permanecer utilizando uma abordagem unilateral, valorizando mais as funções de pensamento (lógica e regras) e sensação (fatos concretos e detalhes), desvalorizando o tipo intuição (que busca significado global e possibilidade) e o sentimento (que processa informações através da ética e valores).

Dessa forma, o próprio sistema educacional pode induzir de maneira indireta o professor a rotular ou suspeitar de quadros clínicos como “déficits” de aprendizagem em relação a alunos do grupo introvertido. Sendo assim, a tipologia psicológica junguiana é de suma importância para que através do psicólogo, este

possa mediar para que o aluno introvertido (que prefere silêncio ou mais distraído) não receba rótulos no que possa a ser apenas diferenças tipológicas.

O artigo ainda relata que o sistema educacional é pensado para alunos do tipo extrovertido (visa foco no objeto, resposta rápida e interações sociais), trazendo desvalorização e dificuldades para alunos do tipo introvertido (foco no sujeito e reflexão interna), levando alunos introvertidos à exaustão da energia interna através das cobranças de interações sociais. Para as autoras, é necessário que se repense o fazer pedagógico, para que se valorize o espaço de tempo de processamento interno dos estudantes introvertidos antes que se traga a público (Silveira; Martins; Burity, 2019).

Em resumo, Silveira, Martins e Burity (2019) relacionaram os tipos psicológicos como porta de entrada de conhecimento dos alunos, que seriam:

- Sensação: aprendizagem pela prática, necessidade de tocar e ver exemplos práticos para conseguir assimilar (voltado para métodos de aprendizagem sensoriais);
- Pensamento: precisa de estruturas de aprendizagem, sentido e boa organização lógica;
- Sentimento: aprende quando há conexão com o professor, com o grupo social específico ou com um valor moral no conteúdo ministrado;
- Intuição: aprende por *insights*, saltos lógicos e visões de futuro, detestando repetições de detalhes.

O ponto máximo do trabalho das autoras, foi enfatizar que é muito importante o papel do psicólogo para orientar professores a pensar em práticas pedagógicas que possam contemplar os diversos tipos psicológicos que a classe possa apresentar e não ficar refém apenas de práticas voltadas para o tipo psicológico do pensamento. As autoras concluem que o papel da Psicologia Analítica na educação não se trata de medir e estocar conhecimentos, mas o de auxiliar no processo de individuação do aluno. O corpo docente, juntamente com o auxílio do psicólogo educacional, deve auxiliar para que a escola seja um ambiente seguro para suporte no processo de individuação da personalidade e fortalecimento de suas funções superiores.

Dentro da sessão da Psicologia Clínica, os tipos psicológicos de Jung (1991) já não desempenham uma função reflexiva, senão uma ferramenta importante com função de intervenção terapêutica. Fundamentada na observação de economia da psique do paciente, observa-se como a energia é distribuída entre o consciente e os conteúdos do inconsciente.

Segundo Stein (2000), primeiro deve-se identificar a função superior/dominante, onde se localiza o principal lugar de segurança e apoio do Ego dominante no exterior. De maneira concomitante, o profissional investiga também a função inferior, normalmente encontrada em estado de “sombra”. Ainda que na função inferior resida os maiores pontos de conflitos, é paradoxalmente o lugar onde também proporcionará a renovação necessária para o paciente.

A tipologia intervém no auxílio do profissional no reconhecimento das figuras de alteridade, de maneira que este esteja consciente e seguro sobre as figuras, fazendo distinção entre sua própria figura e a figura do paciente. Dessa maneira, o profissional que faz distinção entre introversão/extroversão, não realiza projeções pessoais de suas necessidades de socialização ou recolhimento, promovendo respeito ao ritmo natural da psique do paciente. O trabalho do profissional busca promover a flexibilização da unilateralidade extrema, buscando o exercício das

funções auxiliares para evitar o esgotamento da energia psíquica ou neuroticismo do indivíduo.

Já no grupo das instituições, os tipos psicológicos de Jung (2019) manifestam sua importância através do suporte analítico em detrimento das relações interpessoais e da estrutura cultural da organização das instituições e empresas. A base de sua prática parte do princípio da instituição como organismo vivo, cujas orientações psíquicas fazem parte de sua constituição e norteiam a mediação de possíveis conflitos gerados entre a sombra coletiva ou estagnação dos meios de produção.

O psicólogo institucional busca utilizar os tipos psicológicos (2019) para identificar e mapear quais são as principais funções predominantes de uma equipe dentro de uma empresa. O maior objetivo prático é a promoção da complementaridade funcional: enquanto indivíduos de uma equipe que tem predominâncias do tipo pensamento e sensação são posicionados para funções que exercem lógica e cumprimento de metas, o outro grupo de sentimento e intuição são posicionados para manter a coesão à equipe, visão de futuro e inovação.

A aceitação e reconhecimento de que existam grupos com diferentes manejos de produção (Introvertidos e Extrovertidos) consegue diminuir o desgaste e desvalorização dos indivíduos, bem como otimizar o capital humano. O papel do psicólogo institucional é fundamental para auxiliar os indivíduos a não internalizar de maneira extrema a persona exigida para desempenho de função. Quando o colaborador não consegue mais distinguir o ser individual da persona profissional, acarreta um empobrecimento de personalidade do sujeito e risco de *burnout*. A energia vital do colaborador pode ser drenada para manter a máscara que nega a plenitude de sua psique.

Zacharewicz (2010) alega que muitos conflitos institucionais podem ocorrer em detrimento das atitudes incompreendidas (introversão e extroversão), evidenciando que o psicólogo institucional atua diretamente como mediador entre a subjetividade de cada grupo. Nuances de performances e processamentos analíticos podem ser melhor compreendidos para manter a proatividade e resultados da performance de cada grupo, através do psicólogo institucional, promovendo a cooperação estratégica ao invés de julgamentos precipitados.

9 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. A escolha dessa abordagem se justifica pelo caráter subjetivo e simbólico do tema proposto, que busca compreender a jornada do autoconhecimento a partir da relação entre os tipos psicológicos e a integração dos aspectos conscientes e inconscientes da personalidade.

Conforme Gil (2002), a pesquisa qualitativa é apropriada quando o objetivo é interpretar fenômenos humanos em profundidade, considerando seus significados e contextos. A natureza da pesquisa foi básica, pois se propôs a ampliar o conhecimento teórico sobre o autoconhecimento e os tipos psicológicos, sem a intenção imediata de aplicação prática. Quanto aos objetivos, a investigação foi exploratória e descritiva, uma vez que pretende explorar os fundamentos da teoria junguiana e descrever os processos psicológicos envolvidos na integração de partes que representam o movimento de reconhecimento do inconsciente do eu e sua harmonização com o todo.

O delineamento metodológico adotado foi uma pesquisa bibliográfica, com base em fontes primárias e secundárias que abordam a teoria dos tipos psicológicos e os processos que envolvem individuação, segundo Jung. Foram utilizadas como principais referências as obras de Carl Gustav Jung, Marie-Louise Von Franz, publicadas ao longo do século XX, além de autores contemporâneos que estudam a Psicologia Analítica e artigos científicos indexados em bases acadêmicas como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Google Scholar.

O instrumento de coleta de dados consistiu na análise de conteúdo de textos teóricos e científicos, empregando-se a Análise do Discurso, conforme as perspectivas de Bardin (2011) e Bakhtin (2011). Essa escolha metodológica permitiu interpretar as construções simbólicas e discursivas sobre o autoconhecimento, a sombra e os tipos psicológicos, compreendendo os sentidos atribuídos a esses conceitos dentro do campo da Psicologia.

A análise foi conduzida a partir da interpretação simbólica e comparativa entre os discursos dos autores, identificando convergências, divergências e possibilidades de integração teórica. A partir disso, buscar-se-á compreender de que forma a teoria dos tipos psicológicos pode servir como caminho de individuação e equilíbrio entre o consciente e inconsciente do indivíduo.

Em relação à população-alvo do estudo, visto tratar-se de uma pesquisa teórica e interpretativa, não houve plano amostral, mas sim um recorte conceitual que abrange obras e estudos que exploram o tema do autoconhecimento sob a ótica junguiana.

Por fim, a análise dos dados seguiu o método hermenêutico-interpretativo, orientado pela teoria junguiana. Essa abordagem permitiu uma compreensão simbólica e profunda das narrativas presentes nos textos, reconhecendo tanto os aspectos de inclusão (integração da sombra e ampliação da consciência) quanto de exclusão (repressão dos conteúdos inconscientes e resistência ao autoconhecimento) que permeiam a jornada psicológica do indivíduo.

10 RESULTADOS DE PESQUISA E CONCLUSÃO

Entende-se como resultados, a partir do compêndio citado na presente literatura, que os tipos psicológicos estão muito distantes de serem um sistema classificatório engessado, que visa apenas rotular indivíduos, mas se trata de uma ferramenta estratégica e dinâmica que atua em favor da economia psíquica. Aclarou-se que o mapeamento das funções superiores/inferiores confere ao profissional seja dos ramos clínico, educacional e institucional a oportunidade de antecipar pontos importantes de resistência ou vulnerabilidades do indivíduo.

O debate ainda evidencia que o sofrimento do indivíduo pode ser causado pela unilateralidade intensa, onde o exercício de uma função (pensamento, sensação) pode gerar o atrofiamento disruptivo de seu oposto (sentimento, intuição). Um ponto importantíssimo do resultado de pesquisa é o reconhecimento do processo de individuação como premissa da resposta da Psicologia Analítica em detrimento aos fenômenos de massificação e despersonalização.

Pode ser concluído que o confronto entre a sombra e a diferenciação da persona são elementos fundamentais para que o indivíduo possa sustentar sua identidade em relação às pressões e demandas coletivas. Compreende-se que os resultados à saúde da psique são inerentes à capacidade do ego de se colocar no papel de suporte do *self* e não permanecer no controle total da energia psíquica,

acarretando que a vida ocorra direcionada a um sentido intrínseco da plenitude da personalidade.

O estudo sobre às práticas integrativas apenas ressaltam a versatilidade da abordagem analítica e sua aplicabilidade em campos diversos, a exemplo dos três campos referenciados como objeto de estudo para atuação. Sobre as práticas clínicas, os resultados apontam melhora significativa através da integração entre os opostos. Já na Psicologia Educacional, o reconhecimento da diversidade tipológica pode prevenir fracassos escolares, desordens psíquicas e patologização de diferenças tipológicas. Por último, na Psicologia Institucional, a tipologia psicológica pode minimizar conflitos grupais de performances de produtividade ao transformar as alteridades em complementaridade funcional.

Conclui-se que o conhecimento dos tipos psicológicos é a peça fundamental para o diálogo entre o ego e o *self*. Ainda que o processo de individuação seja uma jornada sem data de conclusão por se tratar de algo contínuo e inacabado, conhecer sua fundamentação teórica pode fornecer o suporte necessário para o desenvolvimento pleno da personalidade, de maneira íntegra, singular e resiliente frente aos desafios comuns à existência humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRUZZI, Ella. Jung, o processo de individuação e a busca pelo sentido da vida. **Casa do Saber**, 2023. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/blog/jung-o-processo-de-individuacao-e-a-busca-pe-lo-sentido-da-vida>. Acesso em: 06 mar. 2026.

FORTES, Camila. Freud e Jung: diferenças, semelhanças e impactos da relação. **Casa do Saber**, s/d. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/blog/freud-e-jung-diferencas-e-semelhancas>. Acesso em: 21 mar. 2026.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1905/2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1946/2002.

INSTITUTO FREEDOM. **O símbolo e a energia psíquica**. 2017. Disponível em: <https://institutofreedom.com.br/blog/o-simbolo-e-a-energia-psiquica/>. Acesso em: 06 maio 2026.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1961.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,

1971/2008. (Obras Completas de C.G. Jung, v. VII/2).

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho**: liber novus. Edição e introdução de Sonu Shamdasani. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971/2008. (Obras Completas de C.G. Jung, v. IX/1).

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Tradução de Sérgio Reichenbach. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Transformações e símbolos da libido**: a Psicologia do inconsciente. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 1912/2025. 616p.

PERES, Guiherme. Arquétipos de Jung: o que são, tipos e como funcionam. Casa do Saber, s/d. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/blog/arquetipos-de-jung-o-que-sao-tipos-e-como-funcionam>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SILVEIRA, Nise. **Jung**: vida e obra. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (Coleção Vida e Obra).

SILVEIRA, Suely Teodora da; MARTINS, Priscila; BURITY, Paula Krempel Marques. A teoria dos tipos psicológicos de Jung e a educação. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, abr./jun. 2015.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**. São Paulo: Cultrix, 2015.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma. Uma introdução**. Tradução de Álvaro Cabral. 11. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. **O homem e seus símbolos**, v. 2, p. 154-224, 2008.

ZACHAREWICZ, M. L. M. **Psicologia social e institucional**. São Paulo: EDUC, 2010.